Guimarães, 20 de maio de 1910

2.º anno—N.º 78

Director e proprietario: P.e GASPAR DA COSTA RORIZ

Administrador: JOSÉ PINHEIRO

Séde da redacção e administração: CENTRO REGENERADOR DE GUIMARÃES
Rua de Val-de-Donas

Composto e impresso na Typographia Minerva Vimaranense
Rua de Payo Galvão

O REGENERADOR

PUBLICA-SE ÁS SEXTAS-FEIRAS

Os nossos vinhos

E' geral o côro das lamentações do lavrador minhoto em face da crise que o assoberba. Com os vinhos nas adegas se algum consegue vender é por um preço miseravel.

E elle queda-se triste a contemplar a ruina das suas illusões, sem querer saber da causa e sem buscar attenuar-lhe os effeitos e o que é mais, fechando os olhos e os ouvidos a quem lhos aponta —*Ha de ser que Deus quizer*— responde.

Pois a occasião não é para fatalismos; é tempo e mais que tempo para se olhar a serio para este importante negocio, se não quizermos vêr seccar a melhor fonte das nossas receitas e vêr as nossas propriedades depreciadas em metade do seu valor. Não nos fiemos no preço elevado que o pão tem obtido nestes ultimos annos porque isso em logar de ser um bem é um mal. Do pão caro depende a carestia de tudo o mais que é necessario á vida, e é uma calamidade para o pobre, que para os remediados trabalha, e que, se um dia o seu salario lhe não chegar para comprar um alqueire de pão, elle o tomará de graça porque a fome não tem lei.

No que podemos e devemos procurar melhorar a nossa situação, é attenuando a crise que nos esmaga. Para isso é necessario ir procurar-lhe a origem e atacar ahi o mal que é muito maior do que em geral se pensa.

Toda a gente sabe que a collheita de 1908, posto que fosse boa, está longe de ter sido extraordinaria. A de 1909 foi apenas regular. A de 1907 foi como se sabe mediocre. Qual a causa pois desta subita descida dos nossos vinhos?

A concorrencia dos vinhos do sul que os negociantes pouco escrupulosos vão buscar por preço infimo e que exportam, depois de baldados com os nossos vinhos para lhe dar um cheirinho, e passarem como authenticos e genuinos vinhos verdes.

Já assim fizeram com os vinhos finos do Douro, e taes tiborneas arranjaram que, sendo o vinho do Porto o vinho de ceremonias, o preferido de Lords, de principes e de reis, que o pagaram por alto preço, passou a ser a bebida de marujos e de carrejões das docas de Inglaterra. Hoje, o divino licor que escorria das bemditas montanhas do Douro, se quizer ter consumo, ha de ir regalar por preços vis o estomago dos arrieiros do Reino Unido, confundido com a garrafa reles dos campos alemtejanos.

E deve-se isto ao escrupulo e honestidade dos negociantes, para quem vinho do Porto era todo o que era martellado em Villa Nova e exportado pela barra do Douro.

Para o vinho verde, arranjar-se-ha tambem identica escapatoria —é o vinho feito de uvas mal maduras, e prompto, podem dormir em paz com a sua consciencia os snrs. negociantes.

Mas nós é que não podemos nem devemos consentir em tal; devemos impor inergicamente a nossa vontade e deffender os nossos interesses ameaçados, e já, sem perda de tempo, se não quizermos vêr dentro de dois ou tres annos o nosso vinho reduzido ao consumo local.

Agora, em quanto o freguez do Brazil não está affeito ao vinho do sul, não ha remedio senão deitar-lhe uma pinguita de vinho verde, para dar o tom. Para o proximo anno já poderá deitar menos por que o paladar já está mais affeito. Por fim, não levará nem uma gotta de vinho verde, porque, em quanto o negociante puder comprar o vinho no sul a 4 ou cinco mil reis a pipa, (que vae vender ao Brazil por 300 fracos) não nos vem comprar a nós o vinho, que, para ser por um preço remunerador, nunca poderá ser inferior a 15$000 o de qualidade medeana.

E saiba o descuidado minhoto que o seu collega lavrador do sul ganha mais vendendo a pipa do seu vinho a libra, do que nós ganhamos vendendo o nosso a reis 20$000.

Para um lavrador do sul ter 100 pipas de vinho, não precisa de mais terra do que a precisa aqui para dar em media cinco carros de pão.

Acordemos, que ainda é tempo; e trabalhemos unidos na defesa da nossa justa causa, dos nossos legitimos interesses ameaçados.

Tome alguem a iniciativa, a nossa Camara Municipal por exemplo, a do berço da Monarchia, de um congresso de lavradores do Minho por occasião das festas gualterianas, uma occasião excellente; exponha-se ahi cruamente a verdade. Quem sabe! pode ser que alguma coisa de util d'ahi saia. Senhores vereadores, acceitem o alvitre, liguem os seus nomes honrados a um movimento patriotico que os coevos louvarão e os vindouros abençoarão, porque se não se conseguir travar a roda da fortuna que desanda, o Minho seguirá o caminho do Douro, que já foi a mais opulenta provincia de Portugal e que hoje está na miseria. E porque? Porque acordou tarde. Façamos pois nós por acordar a tempo.

A.

«O Commercio de Guimarães»

O *Espectador* botou agora camarote de... fundo; mas é como a raposa da fabula: mostra sempre que o seu logar é no *galinheiro*.

Vamos lá aturá-lo com paciencia.

Elle, que promettia ser *breve* na resposta ao nosso *extentissimo aranzel*, carrega-nos com trez columnas cerradas e uns pósinhos... e afinal para quê? Para reeditar o que a calumnia tem dito mil vezes e que outras tantas tem sido destruido.

O partido regenerador está horrivelmente fraccionado, diz o *Espectador*. Mas ainda *rabeia*, não lhe parece? Ou estará morto? Se está, deixe o pobresinho... Nos mortos não se bate.

As ligações (do snr. Teixeira de Sousa) *com pessoas que ainda hontem andavam de ronda ao paço das Necessidades, de espingarda ao hombro, acariciando os inimigos das instituições, como bem disse João Chagas, são manifestas.*

O que é manifesto é a má fé do *Espectador*.

O *bloco* foi organisado pelo snr. Conselheiro Julio de Vilhena, mas para o *Espectador* e outros *más linguas* o culpado foi o snr. Teixeira de Sousa. Sua Ex.ª, ao assumir a chefia do partido regenerador, desfez esse *bloco*, mas isto é... para inglez ver...

Cebolorio, amigo!

Diga-nos, se lhe consta, quando é que o snr. Conselheiro Teixeira de Sousa se mancommunou com republicanos andando com elles por comicios, fazendo com elles accordos eleitoraes, etc. Encontra disso em outros *mornachicos*, mas para esses tem o *Espectador* palavras amaveis e considera os seus jornaes como um evangelho politico.

Veja que alguns dos politicos, hoje muito da sua predilecção, se não influiram directamente, foram pelo menos fautores daquelle espirito de revolta que levou ao deploravel crime do regicidio pelo que escreviam ou mandavam escrever nas suas gazetas. Teixeira de Sousa permaneceu alheio a tudo isso, e até se conta que o unico homem publico, seu adversario, com quem conferenciava o snr. João Franco era o actual chefe do partido regenerador, o que não aconteceria se Sua Ex.ª se *bandeasse* com os inimigos das instituições.

A cantata dos *adeantamentos*, e tudo o mais que o *Espectador* aponta, está já refutada mil vezes, não precisando nós de repetir o que já está dito.

O que, sobretudo, nos edifica é o empenho que mostra o *Espectador* em deprimir tudo o que signifique homenagens ao snr. Conselheiro Teixeira de Sousa. Num dos ultimos numeros de «O Commercio», o *Espectador* contrapunha ás informações do «Celoricense» ácerca da visita a Beja, o testemunho do «Correio da Noite». Ora, a verdade é que não são só estes leaes monarchicos os que pretendem desacreditar os homens da monarchia; tambem os outros, os radicaes republicanos caçam no... mesmo campo.

Veja como o nosso presado collega «A Folha de Beja» se refere a um jornal republicano de lá, que afina pelo mesmo diapasão do *Espectador:*

Trapalhões e... pantomineiros

«O pasquim anarchista chamou-nos trapalhões porque na «ancia» de arranjarmos uma grande lista de nomes de individuos que se encontravam na *gare* da estação no dia 24 do mez findo, por occasião da vinda a Beja do snr. Conselheiro Teixeira de Sousa, «demos» como tendo tomado parte nessa manifestação os proprios passageiros dos comboios de Moura e Algarve. E accrescenta o pasquim:

> «Até o nosso visinho e amigo snr. Constantino Palma que naquelle dia embarcou para Serpa e que nada teve com as manifestações regeneradoras não escapou á reportagem dos referidos jornaes.
> Que grandes trapalhões.»

E' tal o vicio do pasquim, de aldravar tudo, que nem o que está escripto escapa. Em primeiro logar falta á verdade descaradamente dizendo que incluimos na lista dos regeneradores que aguardaram o snr. Conselheiro Teixeira de Sousa os proprios passageiros dos comboios de Moura e do Algarve. Os nomes desses regeneradores ahi estão bem patentes e por isso emprazamos o pasquim a indicar um unico de qualquer passageiro dos comboios que cita. Em segundo logar o pasquim bem sabe que o seu visinho e amigo não se chama Constantino José Palma, nem é proprietario, e o nome que a *Folha de Beja* publicou e que o pasquim ardilosamente quiz confundir com o do seu visinho, é o de um nosso prestante e dedicado correligionario de Baleizão, e tanto que lá vem publicado juntamente com os de varios outros amigos nossos daquella localidade.

Agora, visto que o finge ignorar, fique ainda sabendo que o nome do seu amigo e visinho, em que aliás ninguem falou, não é Constantino José Palma, e nem elle é proprietario, e sim Constantino Bernardo Palma, sapateiro.

Faz sua differença para quem não é trapalhão; mas nós iamos apostar em como o pasquim fica mais caladinho do que um rato, para os seus leitores que o não sejam da *Folha de Beja*, não saberem que elle mais uma vez se entregou ao officio de... pantomineiro.»

Veja o *Espectador* quem são os seus collegas de combate.

Sentimos ter de ficar por aqui, porque desejariamos conversar muito com o *Espectador*...

Observador.

A GRAÇA PORTUGUEZA

Do Diccionario de João Fernandes

S

Suor — Producto natural das bestas de carga e dos constipados felizes.

Supplicio — Gato contemplando a frigideira cheia de carapaus mergulhados em azeite fervendo. —Homem corrido a cacete pelo pae de Julieta.

Suspeita—Nodoa difficil de lavar.

Suspensão — Compasso d'espera nos pagamentos.

Systema—Cada individuo tem o seu. E' a melhor maneira de chegarnos a um accordo.

T

Tabaco—Envenenador que reparte com o Estado os seus lucros para que este o deixe funccionar livremente.

Taberna—A mãe das facadas.

Talento—E' a arte de nos fazermos applaudir por outros mais tolos do que nós.

Telegrapho—(Transatlantico). Cordão umbelical dos dois mundos.

Telha — Barrete invizivel só para os que o trazem.

Telhado—Varanda de Julieta, onde miam os Romeus, que ás veses vão apalpar a rua com os lombos, da altura de um quinto andar.

Tempo—Capital que nós julgamos comer, quando é elle que nos come. O mais fino dos ladrões. Rouba-nos annos de vida, sem que dêmos por isso.

Tentações—Para o china, opio para o indiano, betel; para o turco, café; para o japonez, vergar a barriga; para o inglez, vinho do Porto; para o francez, *cancan;* para o italiano, macaroni; para o hespanhol, touros; para o allemão, cerveja; para o arabe, cavallos; para o norte americano, excentricidade; para o brazileiro, Pariz; para o portuguez, Brazil.

Tesoura — A opinião dos nossos amigos a vosso respeito.

Theatro—Casa de corrupção —Parodia do mundo.

Tinta — (de escrever) — couza de que nem todos sabem servir-se sem se sujar ou sem sujarem os outros.—O rio do pensamento, quando corre sobre o papel.

Titulo — (literario) Papel em que se embrulham muitas nulidades.—(de nobreza) Graça pesada, pelo que custa em dinheiro, quando não é tambem um gracejo pela qualidade do agraciado.

Toucinho—A côdea do porco.

Tolo — Homem d'espirito na actualidade. E' elle que consegue tudo que deseja; os intelligentes ficam a ver navios no alto de Santa Catharina.

Torneira — (de pipa) Bôca de varia eloquencia.

Trabalho—Genero depreciado —Premio a que todos fazem cara na loteria da vida.

Tranca—Fundo de reserva para as occasiões criticas. Mal empregado não se acudir mais vezes com ella a tanta gente que a precisa!

Tremores—(de terra) Sezões perigosissimas para os que assistem á doente.

Trinchador—Sujeito que cria difficuldades a Deus para o dia do juizo.

Tristeza—Inverno da alma.

Tulipa—Mulher formosa e estupida

Tumulo—Ultima vaidade e ultima insolencia do dinheiro. Perguntae aos que dormem sob as cryptas soberbas se lá dentro é menos intenso o frio da morte do que no fundo da sepultura humilde que ellas privam do sol.

U

Ulcera—Divida que se não pode pagar.

Uva—Ternura—mãe.

V

Vacca—Animal que se chama boi antes de entrar no açougue.

Vadio—Artista que prepara um quarto no hospital, na cadeia ou num asylo, quando não apanha viagem gratuita para o ultramar.

Vaidade — Estado em que a creatura humana se assemelha a um perú arripiado, ou a uma bexiga assoprada. Outros lhe chamam por isso *perùite* e *bexiguite*.

Varredor (municipal) — O laxante das ruas.

Ventre — *Deus ex machina* de todas as patifarias. Segundo o *Diccionario de synonymos portuguezes*, de José da Fonseca, tem outros significados que a decencia do meu livro não tolera. Aquelle diccionario, destinado á mocidade, e approvado pelos nossos sabios, attesta o que se deve esperar do ensino, dos que ensinam e dos que são ensinados, nesta classica terra da parvoice. E' um acerbo de sandices, proprias para crear sandeus.

Verdade — Rêde de apanhar inimigos.

Vergonha—Vocabulo sem sentido.

Verso (harmonioso)—Preludio musical. (Duro ou errado)—Chavelho retorcido.

Viajante — Folha levada pelo vento da curiosidade.

Vida—Farça, comedia, drama ou tragedia, conforme a interpretação que cada um dá ao seu papel.

Vinagre—Em vulgar, vinho de Collares, do que se vende em Lisboa. Em estylo campanudo, divorcio.

Vinha—Idea-mãe, donde nasce o pae da desordem.

Vinho—Poesia da pipa. Espirito que até aos materialistas dá alma quando lhes entra no corpo. E' livrar de que elle tome a palavra lá dentro, porque, se falla, vae tudo com os diabos!

Virtude — A violeta humana. Floresce na sombra.

Visita (de ceremonia)—Estreia de botas novas—(de pessoa amiga)—Sol em dia de inverno—(de medico)—Ponto na mortalha—(de padre)—*Consummatum est!*

Viveiro — Dantes havia-os de plantas, aves, peixes, etc.; a sociedade moderna inventou os de patifes, que são muito mais faceis de aclimatar.

Vulcões. — Bôcas da mãe terra. Quando fallam de mais vae tudo por ares e ventos. —Corações de namorados, de annuncios e de theatros particulares. Apaga-se com o casamento.

X

Xacara—Deus nos livre das que se fazem hoje imitando as antigas! Já sabem a minha opinião: a respeito de versos, nem mesmo á moda de fallar minhota, com *b* e *c* cedilhado. Perfiro-lhes o paio com ervilhas e até chouriço com ovos.

Y

Ypsilon—Um timido que rarissimas vezes começa alguma cousa por si, e que só apparece quazi sempre no meio da multidão. —Ente inutil, e por isso o mais pobre de entre os vinte e cinco irmãos, que lhe deu a arte de escrever. Por mais que eu o apertasse e espremesse, deitou apenas o magro chorume destes dois artigos. Bolas para elle! *Y mas no hay*.

Z

Zigue-zague — Maneira de ir mais depressa.

Zurrar—Tomar a palavra (sem a pedir primeiro.)

Zt—Cousa que passa diante da nossa vista com rapidez de um passaro. E modo porque eu me despeço do leitor: Zt!

Fim.

Chronica de Vizella

Vizella, 18 de maio

Não me passam por falta alguma os meus presados leitores, de modo a obrigar-me, haja ou não de quê, a sempre escrever.

Contentes não ficaram lá muito por nada lhes dizer no numero passado, mas em paga terão agora de aturar dois que vão fallar.

Por motivos superiores á minha vontade não pude entrevistar na passada semana o meu preclaro amigo Dr. Abilio, e, como antes de mais nada resolvi nada mais escrever ou dizer sem ouvir sua ex.ª, passo a relatar fielmente o que entre nós se passou. Perdoarão os meus amigos aquella falta, pedindo-lhes toda a attenção.

Como amigo e como cliente me apresentei a sua ex.ª que como sempre amavelmente me recebeu. Cumprimentos, consulta e naturalmente as costumadas palestras que eu propositadamente encaminhei para o verdadeiro fim que alli me levou: colhêr de sua ex.ª impressões sobre todas estas questões que neste mesmo logar já tratamos, como sejam o abastecimento de aguas, a inscripção, o ultimo relatorio, melhoramentos no estabelecimento thermal, etc. etc.

Certamente se a elle nos apresentassemos como jornalista, ou antes como reporter e fraco, teria sido mais reservado e deixariamos hoje de saber muita coisa que já suppunhamos. Desculpenos pois esta astucia e creia v. ex.ª que esperamos ainda noutra vir a cahir e passemos ao mais importante da nossa conversa:

—Então, Dr., que lhe parece da campanha do «Regenerador»?

—Terra de malandros e de gente ingrata (olhando-me, muito nervoso) Eh!...

—Desculpe, Dr., não quero incommoda-lo, que aquillo já muito me tem aborrecido, e se...

— Exactamente, são esses tolinhos que andam por ahi a gritar e nada deixam fazer de modo que...

—Perdão, não é isso o que dizia... A verdade é...

—Não é verdade nem meia verdade; quem fez isto tudo fui eu e agora a agua...

—Assim não nos entendemos.

—Tem razão, tem razão. Falle.

—Pois já que fallou em agua, acho que v. ex.ª no abastecimento de aguas andou com pouca sorte para a sua reputação que muito soffreu.

—E' verdade, quem me metteu nesse negocio foi o Salgado que eu por minha vez tinha mettido na Camara, cá por coisas. Nunca julguei que tão longe nos levassem os fados. Planeamos a Avenida, a rua do Medico, e o concerto das biccas. Quiz porem o acaso que nos lembrassem como deviamos arranjar aguas, e o Salgado que tinha alli Santa Suzana a precisar de lameiros e por tanto dos escorros, pediu-me estes e lembrou-me, metade não que era muita, mas o terço da agua aproveitavel. Cahi, como qualquer outro.

—Então v. ex.ª viu...?

—Vi, vi logo que não era mau de todo o arranjo e tambem presumi que cedo ou tarde se discutiria.

—Mas...

—Attenda e não me interrompa. Estavamos mettidos nellas, para o que tivemos de mudar tres vezes de partido, e nunca contamos com o raio do «Regenerador» que fazemos de conta que não lemos, mas que nos atormenta muito e muito. Eu por mim já cedia tudo, mas o Abbade está de ferro e o Salgado é que de modo nenhum quer largar os escorros. Elle precisa e eu não lhe posso dizer que não.

E olhe mais o que lhe digo: se eu não tivesse interesse nestas aguas, nenhumas teriamos; bem se lhe importa a Camara com o bem do povo e muito menos com o de Vizella...

—Então é por essa razão que ella agora vai crear um partido medico em Vizella?

—Certamente; e é uma grande necessidade.

—Necessidade, não para o povo, mas para os medicos. Não é por falta de medicinas que o povo marcha, antes pelo contrario.

—Sim, sim, mas estão a abusar muito e não pagam.

—Mas, snr. Dr., é preciso olhar a valer por outras coisas de maior necessidade. A Camara melhor andaria se com esses 300 ou 400 mil reis principiasse a canalisar o regato, teria outro alcance e melhor procurava a sanidade popular. Assim vai favorecer a bolsa a um.

V. Ex.ª como principal politico e como Director dum estabelecimento balnear, devia muito contribuir para antes assim se applicar aquella verba. Não desconhece v. ex.ª o perigo daquelle foco de infecção e de emanações fedorentas e pestilenciaes assim como o grande numero de banhistas que de aqui affasta como sejam os snrs. José Maria da Silva, familia e numerosos amigos, Dr. Julio Ribeiro, Dr. Augusto Machado, tenente Silva e muitos outros.

—E que diabo quer V. fazer com 300$000 reis?

—Bem sei que estes em casa, por exemplo, do snr. seu filho, já fazem alguma coisa, mas tambem applicados naquella obra alguma coisa faziam e em poucos annos ficaria terminada e assim nunca se terá de sanear a origem de todas as nossas doenças que nem quatro partidos serão capazes de a matar.

—Seja o que for, bem me importa a mim com tudo isso e muito menos com semelhantes...

—Mas v. ex.ª assim prejudica-se a si e...

—Já disse (muito tremulo) se quer mudar de conversa...

—Snr Dr....

—Cale-se!

Então para evitar que de amigos inimigos nos tornassemos e attendendo ao seu temperamento, retiramo-nos fazendo-lhe sentir que sempre terá de contar comnosco.

E ao que prottemos não faltamos. E' por isso que brevemente falaremos do jogo e dos meios que proporemos para que delle todo o proveito se tire, não para certas e determinadas entidades, mas para todos e principalmente para os artistas.

C.

Echos da Sociedade

Natalicios

«O Regenerador» envia os seus parabens ás ex.mas damas e cavalheiros que fazem annos, nos seguintes dias do mez de

MAIO

SENHORAS

Dia 22—D. Beatriz Teixeira Mendes d'Aguiar.
» 23—D. Beatriz Jorge.
» 24—D. Anna Carneiro Martins.
» 25—D. Alcina da Conceição Rodrigues de Barros Queiroz.
» 26—D. Maria Virginia da Silva Costa.

HOMENS

Dia 21—Dr. Luiz Augusto de Freitas.
» 24—Dr. Abel de Vasconcellos Gonçalves.
» »—Antonio Augusto da Silva Carneiro Junior.

*

Está gravemente enferma a snr.ª D. Antonia dos Santos Guimarães, extremosa mãe do snr. Francisco dos Santos Guimarães e sogra do snr. Francisco Pereira Simões. A' veneranda senhora desejamos melhoras.

*

Está quasi restabelecido o snr. Antonio Teixeira de Carvalho e Sousa Cirne.

*

Accentuam-se as melhoras do snr. tenente ajudante Rodrigo Augusto de Sousa Queiroz.

*

Aggravaram-se os padecimentos do snr. Alvaro da Cunha Berrance.

*

Está entre nós o snr. Dr. Joaquim Lopes d'Oliveira.

*

Das suas propriedades de S. Mamede d'Aldão, regressou a esta cidade com sua esposa, o snr. Silvestre José Lopes Pimenta.

*

Continua incommodado o snr. Joaquim Manuel Peixoto da Silva e Bourbom (Lindoso).

*

Está nas Taipas com sua esposa e filhinhas o nosso amigo e valioso correligionario dr. Pedro Guimarães.

Noticiario

Eduardo VII

Baixa hoje á sepultura o cadaver de Eduardo VII, o rei querido dos seus subditos e respeitado por todos os povos.

O seu nome ficará na historia como o de um homem que, sendo rei da mais poderosa nação do mundo, teve a realeza ainda maior da sua personalidade que lhe deu o dominio sobre todos os corações.

Portugal fez-se representar por El-Rei D. Manuel nos funeraes do illustre morto; mas mais ainda do que essa elevada representação vale o luto que existe nos corações de todos os portuguezes.

Dados biographicos do Rei Eduardo

O Rei Eduardo nasceu em 1841. Contava, portanto, 69 annos de edade. Era o filho mais velho da rainha Victoria e do principe Alberto de Saxe Coburgo Gotha.

Principiando a viajar muito novo, vemol-o em 1859 ir á Italia e em 1860 ir á America, onde pouco faltou para ser victima de um attentado commettido por um grumete doido. Em 1861 esteve na Allemanha, em 1862 na Austria, Egypto, Grecia e Turquia, e em junho desse mesmo anno Napoleão III recebia-o solemnemente em Fontainebleau. Em março de 1863 casou no castello de Windsor com a princesa Alexandra da Dinamarca.

Foi um casamento de amor, que as chamadas razões de Estado, felizmente, não contrariaram. O Rei Eduardo começou a amar em segredo a gentilissima princesa, depois de se lhe ter deparado o seu retrato nos salões da duqueza de Cambridge. O acaso proporcionou-lhe, no decurso duma viagem á Allemanha, occasião de encontrar a princesa, que elle ainda não conhecia pessoalmente. Essa primeira entrevista revestiu caracter romanesco, que acabou por prender o joven principe de Galles.

Na vasta nave da cathedral de Warnes, teve Eduardo VII o seu primeiro colloquio amoroso com a princeza Alexandra, e de tal modo essa entrevista foi decisiva para aquelles dois corações, que o principe de Galles, ao voltar a Inglaterra, declarava a sua mãe, a rainha Victoria, estar decidido a unir o seu destino ao da filha do rei da Dinamarca.

Depois de casado, Eduardo VII continuou a viajar, estando por diversas vezes em Paris. Em 1875, foi á India, regressando d'alli no anno seguinte a bordo do couraçado «Serapis». Esteve em Lisboa, onde lhe foram prodigalisados festejos deslumbrantes, e foi a Madrid, seguindo pouco depois da capital hespanhola para a capital ingleza.

Na exposição de Paris de 1878, Eduardo VII investiu-se no cargo de presidente da secção ingleza, e nessa qualidade recebeu galantemente Leon Gambetta, como o mais humilde dos funccionarios do certamen. Tambem foi grão-mestre da Ordem dos Templarios e da maçonaria ingleza e a sua iniciação, quer numa, quer noutra revestiu uma solemnidade desusada.

O novo monarcha

O successor de Eduardo VII, Jorge Frederico Ernesto Alberto, nasceu em Malboroug House a 3 de junho de 1865.

Além do titulo de Principe de Galles, usava os de Cornwall, de York de Rothsay, conde de Cherter, de Carlk e de Inverness, de Barão de Renfrew e de Killornev, Senhor das Ilhas e Grão-Mestre da Escocia.

E' doutor honorario em direito, pela Universidade de Londres, membro da camara dos pares, general, almirante, etc.

Entrou como cadete na marinha de guerra em 1877, fazendo uma longa viagem de instrucção no couraçado «Britanea». Tempos depois realisava uma viagem á volta do mundo a bordo do navio de guerra «Bacchante». Em 1883 embarcou no couraçado «Canadá» como guarda-marinha, sendo promovido a tenente em 1885.

Em 1890 foi nomeado commandante da canhoneira «Trusk», partindo para as Indias occidentaes. Foi nessa occasião que inaugurou solemnemente a exposição industrial de Jamaica. Nesse mesmo anno, no seu regresso, fez uma viagem á Irlanda, onde adoeceu gravemente.

A nova rainha

E' a princeza Victoria Maria, princeza de Teck, nascida em 26 de maio de 1867.

Promoção e transferencia

Acaba de ser provido a 1.º aspirante de fazenda e collocado na repartição de Fazenda de Braga, o snr. Accacio Jorge Guimarães.

Dando-lhe os nossos parabens pela sua promoção, sentimos que ella dê causa a afastar-se do nosso convivio este nosso bom amigo e zeloso funccionario.

"O Commercio de Guimarães,,

Entrou no 27.º anno da sua publicação este nosso presado collega local.

As nossas felicitações.

Gualterianas — A exposição de arte—Entrevista com Abel Cardoso

No intuito de nos informarmos ácerca da exposição de arte que, sob a direcção do nosso illustre artista e querido amigo, Abel Cardoso, deve realisar-se por occasião das proximas festas gualterianas, procuramo-lo e fomos recebidos com aquella bondade e franqueza que caracterizam as almas grandes e os corações generosos.

—Então por cá?

—E' verdade. Ouvi dizer que você tenciona realisar uma exposição de *oleographias* com quadros seus...

—Isso é troça ou que diabo é ?!..

—Perdão! Não se exalte, que isso é contra os seus habitos e improprio da nossa boa e velha amisade...

—Não quer que me exalte?! Pois você vem cá com a *calinada* das oleographias, com a imprudencia da affirmação do meu concurso a um certamen de artistas illustres e não quer que eu me exalte?..

—Perdão! Não sou eu que venho com isso. Eu li...

—Pois não lêsse!..

—Hom'essa! Então eu não posso lêr o que quizer?

—Ha coisas que não se devem lêr!..

—Vá! um pouco de calma e diga lá o que ha ácerca de exposição. Você bem sabe que sou leigo na materia e que, se você não me auxilia, posso dizer tolice...

—Então oiça e diga lá no «Regenerador» estas coisas para que se fique sabendo do que se trata: Projecta-se no salão nobre da S. M. Sarmento uma exposição de alguns quadros e desenhos (talvez 40 ao todo) *existentes em Guimarães* e unica e exclusivamente de auctores illustres, taes como: Francisco Vieira, (o Lusitano) celebre pintor que floresceu no seculo XVIII; Domingos Sequeira—genial Artista do seculo XIX; Augusto Roquemont, João Glamma, Velloso Salgado, Malhôa, Raphael Bordallo, Galhardo etc.

Não é verdade, como alguns jornaes *imprudentemente* tem noticiado, eu concorrer a esse certamen. Isso affirmaria, em tal occasião uma immodestia a toda a prova. Nada disso: esta exposição, levando-se a affeito, (o que depende, alem doutras circunstancias importantes, da vontade dos possuidores dos quadros) visa a fins mais nobres do que simples amostras de habilidades pessoaes. Ella tem por fim, patenteando aos nossos hospedes o culto que os Vimaranenses prestam á Arte possuindo e guardando com verdadeiro carinho obras de tão reconhecido valor, fornecer aos intellectuaes do nosso paiz elementos para mais alguns passos sobre a historia da Arte em Portugal.

—E tenciona apresentar algum catalogo?

—Sim, hei-de apresentar um catalogo, prefaciado pelo Dr. Eduardo d'Almeida, com notas biograficas dos diversos auctores.

—Bem. Estou satisfeito. Obrigado e desculpe o incommodo.

—Não tem de quê. Se todos fizessem assim, não veriamos na imprensa affirmações que muitas vezes nos incommodam.

*

Trabalha-se activamente na construcção do pavilhão para a exposição agricola. João Gualdino e os seus collegas na direcção desenvolvem uma grande actividade. As gualterianas de 1910 hão-de ser uma honra para Guimarães e para os seus promotores.

Honra lhes seja!

Ordem Terceira de S. Francisco

A nova meza ficou composta dos seguintes snrs.:

Ministro, Francisco Martins Fernandes.

Vice-ministro, P.e Abilio Augusto de Passos.

Secretario, Bento José Leite.

Vigario do Culto, P.e Antonio Teixeira de Carvalho.

Syndico da Ordem, Roberto Victor Germano.

Syndico do Hospital, José da Silva Guimarães.

Syndico da Testamentaria, José de Freitas Costa Soares.

Syndico do S. Lausperenne, José Antonio de Castro.

Syndico dos entrevados, José Antonio dos Santos.

Definidor ecclesiastico, P.e Antonio da Cunha Jordão.

Definidores seculares, João Paulo da Silva, Benjamin Constante da Costa Mattos e Luiz Manuel Fernandes.

Mordomos da Cera, José Luciano da Costa e Joaquim Luciano Guimarães Junior.

Zelador da roupa do Hospital, Avelino Antonio Fernandes.

Thesoureiro dos Habitos, Domingos José Leite Mendes.

Sacristães do Culto, José Mendes d'Almeida e Manuel da Silva Sampaio.

Mestre de noviços, Francisco Carvalho e Mello.

Ministra, D. Eulalia da Cunha Costa Mello.

Vice-ministra, D. Adelinda Maria de Jesus Felix.

Sacristãs do Culto, D. Delfina Augusta Maria Zarão e Castro, D. Anna Ferreira, D. Joanna Maria Dias Pedrosa e D. Maria José Lopes Neves.

Mestra de noviças, D. Antonia dos Anjos Meira.

O cometa e os . . . padres

Não falta quem affirme que os padres incutiam na alma simples do povo ignorante um medo pavoroso ao cometa de Halley. Isto dizia-se vagamente, mas era preciso apontar factos concretos e cá no concelho, segundo uma informação enviada para o *Seculo*, houve um parocho que commeteu esse *grande e orrible crime:* foi o nosso amigo, rev. Mattos, digno e illustrado parocho de Athães.

Ora ahi vae a verdade toda, sem receio de desmentido.

O parocho de Athães, numa das suas *homilias* aos seus parochianos, exortou-os a que não tivessem sustos, porque não havia de quê. Fez-lhes ver que se vendiam por essas feiras e romarias folhetos mais ou menos terroristas ácerca do cometa.

Recomendou-lhes que não os comprassem e disse-lhes que o dinheiro que haviam de empregar nessa litteratura de *chantage* o empregassem em obras da igreja, em obras pias ou esmolas para os pobres.

Isto é textual; mas a calumnia correu mundo e do *Seculo* já outras gazetas transcreveram.

Ha cada . . . *jornalista* neste mundo! . .

†

NECROLOGIA

Victimado por uma pneumonia, falleceu na cidade de Manaus, Republica dos Estados Unidos do Brazil, o snr. Mario Alberto Pereira do Paço, dilecto filho do snr. Capitão João Maria Pereira do Paço, nosso antigo collaborador, a quem apresentamos a expressão sincera do mais profundo pezar.

*

Tambem falleceu em Vizella a snr.a D. Maria d'Araujo, sogra do nosso amigo snr. Antonio Feliciano da Silva Caldas.

Os seus funeraes foram extraordinariamente concorridos.

A's familias doridas os nosso sentimentos.

COMMUNICADO

Snr. Redactor

Peço o obsequio de publicar no seu conceituado jornal o seguinte:

Um juiz de paz em... guerra

Na segunda-feira passada, na romaria da Senhora da Lapinha, o juiz de paz de Nespereira fez diabruras, exorbitando das suas attribuições e mettendo-se onde não era chamado.

O caso, em todo a sua simplicidade, passou-se assim:

Envolveram-se em desordem alguns individuos—uma pequena *sarrafusca* sem importancia que o regedor da freguezia, ali presente, facilmente podia reprimir. O juiz de paz de Nespereira, julgando-se no direito de ameaçar, prender, etc., apresentou-se revestido de toda a sua auctoridade, e, de revolver em punho, deu voz de prisão a Francisco José Leite, de S. Christovão de Abbação, que apenas procurara apartar os que estavam em desordem e, numa furia impropria dum juiz de paz, levou-o preso atravez da romaria, dirigindo-lhe ameaças, que só terminaram quando o regedor lhe fez ver que não era ao juiz de paz de Nespereira a quem competia manter a ordem e fazer a policia na romaria da Lapinha, mas sim a elle, regedor, que resolveu restituir a liberdade ao preso com applauso de todas as pessoas que presenciaram o facto.

E' tão bonito conservar-se cada um dentro da esphera das suas attribuições!..

***

ANNUNCIOS

Dr. Alvaro R. Machado

Passa a dar consultas das 3 ás 5, no consultorio do Ex.mo Snr. Dr. Julio Cardoso, á R. do Rosario, 296, Porto, aonde pode ser chamado a qualquer hora para visitas domiciliarias.

Editos de 30 dias

1.a publicação

Pelo juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão abaixo assignado, correm editos de trinta dias, que se começarão a contar depois da segunda e ultima publicação deste annuncio, citando o interessado Avelino Pereira Fernandes, ausente em parte incerta, e a credora Justina Lima, da freguezia de Joanne, comarca de Famalicão, para assistirem a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se está procedendo por obito de Maria Monteiro, moradora que foi no logar do Penedo, freguezia de Santa Maria de Airão, desta mesma comarca; isto sem prejuizo do regular andamento do dito inventario.

Guimarães, 16 de maio de 1910.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 5.º officio,

Eduardo Pires de Lima.

Consultorio medico E DENTARIO

DO

DR. G. MOURA

Rua de Paio Galvão

Edital

(2.a Publicação)

Gaspar Ribeiro da Silva Castro, administrador do concelho de Guimarães, etc.

Faz saber que Augusto Cunha & C.a, negociantes e industriaes, desta cidade, apresentaram nesta administração um requerimento pedindo concessão de licença para a fundação de uma fabrica de "Cutelaria e Nickelagem,, num terreno situado na rua das Hortas, freguezia da Oliveira, desta cidade. Dentro da referida fabrica serão installados um motôr e gerador a gaz pobre, systema "Otto Forward,, da força de 10 cavallos, typo electrico; um dynamo de 60 amperes e 7 volts. Este estabelecimento acha-se classificado na 2.a classe da tabella annexa ao Decreto de 21 de outubro de 1863 com a indicação do inconveniente seguinte: "Perigo de explosão,,. São, porisso, convidadas as auctoridades publicas, os chefes e agentes de quaesquer estabelecimentos e todas as pessoas interessadas a reclamar, por escripto, nesta administração do concelho, no prazo de 30 dias a contar da data da publicação do presente edital, se quizerem oppor-se á concessão da requerida licença; e, findo que seja aquelle prazo, não havendo reclamação alguma seguirá o processo os seus devidos termos.

Para constar mandei passar o presente edital e outro de egual theor que serão affixados nos logares indicados no § 1.º do art.º 6.º do Decreto de 21 de Outubro de 1863 e tres.

Administração do Concelho de Guimarães, 9 de Maio de 1910.

E eu, *Manuel de Freitas Aguiar,* Secretario da Administração, o subscrevi.

Gaspar Ribeiro da Silva Castro.

Editos de 30 dias

(2.a Publicação)

Pelo juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão abaixo assignado, correm editos de trinta dias, que se começarão a contar depois da segunda e ultima publicação deste annuncio, citando o interessado Domingos José Marques, ausente em parte incerta nos Estados Unidos do Brazil, e o credor Joaquim José Marques, negociante, da rua da Magdalena, n.º 54, da cidade de Lisboa, para assistirem a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se está procedendo por obito de José Marques, e mulher Maria Rosa da Silva, e moradores que foram no logar da Taipa, freguezia de Caldellas, desta mesma comarca; isto sem prejuizo do regulamento do dito inventario.

Guimarães, 12 de maio de 1910.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 5.º officio,

Eduardo Pires de Lima.

Editos de 30 dias

2.a Publicação

No juizo de Direito desta comarca de Guimarães e pelo cartorio do escrivão do 1.º officio, abaixo assignado, processam-se uns autos de inventario orfanologico por fallecimento de Francisca Maria, viuva de Braz Exposto, moradora que foi no logar do Outeiro de Oleiros, freguesia de Santa Christina de Longos, desta mesma comarca, e nelles correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação deste annuncio, chamando e citando os ausentes filhos da inventariada, a saber: Domingos Macedo da Silva, Luiz Macedo da Silva, estes ausentes em S. João do Laranjal, Provincia de Minas, Estados Unidos do Brazil, Francisco Macedo da Silva, residente na cidade do Rio de Janeiro, dos mesmos Estados Unidos do Brazil e Manoel Macedo da Silva, ausente em parte incerta na cidade de Benguella, Africa Portugueza, para fallarem e assistirem a todos os termos até final do mesmo inventario e nelle deduzirem seus direitos e para o dito fim tambem são citados os credores e legatarios desconhecidos ou residentes fora da comarca, tudo nos termos do artigo 696 §§ 3.º e 4.º do Codigo de Processo Civil, e sem prejuiso do regular andamento do mesmo inventario.

Guimarães, 29 de Abril de 1910.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

P. de Rezende.

O escrivão do 1.º oficio,

Manoel Dias d'Oliveira.

HIGH-LIFE

93—RUA DA RAINHA—97

GUIMARÃES

Atelier da Moda High-life

Chapeus para senhoras e creanças, capotas, etc.

Camisaria High-life

Grande e variado sortido de camisas brancas e em zephirs inglezes, o que ha de melhor no genero em corte e padrão. Variadissimo sortido de collarinhos, ultima novidade em todos os feitios. Punhos de côr e brancos. Ceroulas *zephir*.

Gravataria High-life

Grande e variado sortido de gravatas em *ponta larga* (inglez), tira (Principe de Galles), *Lavaliers*, plastrons, laços de seda e cambraia.

Luvaria High-life

Grande e variado sortido de luvas de pelica, fio de escocia, sued, etc.

Modas

Lenços para bolso de seda e algodão. Meias e peúgas; *echarpes automobilistas;* velludos; *surahs, mousselines,* sedas *pongés, moirés glacés,* setins, fitas de seda e de velludo, etc.

Retrozeiro

Artigos para bordar, como sedas, etamines, etoiles, porte-escovas, algodões em novellos e meadas, e tudo o que é concernente á arte de bordar. Paramentos e alfaias ecclesiasticas, sedas, damascos, galões, barretes e cabeções para clerigos, etc.

Espartilhos

A casa HIGH-LIFE tem o exclusivo em Guimarães da fabrica portuense — **A PRINCEZA.** — Corte esmerado em diversos e elegantes feitios. Cintas hygienicas em tecido e borracha.

O estabelecimento **HIGH-LIFE** é o mais completo no genero **modas e miudezas** que existe em Guimarães.

PREÇO FIXO A' casa HIGH-LIFE

93, RUA D RAINHA, 97—GUIMARÃES

FABRICA A VAPOR

DE

PENTES E CUTELARIAS DE GUIMARÃES

DE

Costa, Lerdeira & C.ª

GUIMARÃES

Fabricação de pentes de chifre, galalith e celluloide para caspa e alisar, travessas e ganchos de celluloide para o cabello (fabricação privilegiada).

Cutelarias em todos os generos, nickelagem e muitos outros artigos da industria de Guimarães.

Escriptorio: Largo do Toural—Guimarães

OFFICINA

E

Deposito de Calçado

—DE—

GABRIEL DE PARIA

Rua d'Alcobaça, 17

GUIMARÃES

Participa a todos os seus amigos e freguezes que, tendo mudado ultimamente o seu estabelecimento para a rua d'Alcobaça, espera dever-lhes a fineza d'uma visita pois alli encontrarão um variado sortido de calçado, tanto para homem, como para senhora e creança, garantindo a sua qualidade e segurança.

Tem sempre no seu estabelecimento os melhores cabedaes das fabricas nacionaes e extrangeiras.

Executam-se com promptidão grandes ou pequenas encommendas.

PREÇOS MODICOS.

Livraria

PAPELARIA E TABACARIA

—DE—

Francisco Joaquim de Freitas

TOURAL

MANTEIGA

DE

Macieira de Cambra

A melhor e mais barata

Esta saborosa manteiga encontra-se á venda em latas de 1 kilo ½ kilo e quarto de kilo, ao preço de 800, 400, e 200 reis no café e ourivesaria Fernandes, á porta da Villa.

MANTEIGA pasteurisada da Companhia Agricola-Industrial d'Alemtem

LOUZADA

Vende-se nesta cidade, no estabelecimento de Francisco Joaquim de Freitas — Toural, 39, em boiões de louça fina ás 200 grammas, a 240 reis sem boião. Esta manteiga é confeccionada sob a intelligente direcção do snr. Dr. J. Hermano.

Catalogo theatral

Designando titulos, generos, actos, numero de personagens (homens e senhoras) e preços de todo o reportorio antigo e moderno até hoje publicado: comedias, dramas, operetas, monologos, cançonetas, etc., etc. Um interessante volume de 40 paginas dedicado aos amadores dramaticos. Remette-se pelo correio a quem enviar uma estampilha de 25 réis á **Livraria Bordalo,** rua da Victoria, 42—Lisboa.

Estabelecimento

—DE—

LANIFICIOS, FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

DE

Jordão & Simões

Praça de D. Affonso Henriques, 1 a 6 — GUIMARÃES

Os proprietarios d'este estabelecimento, tendo introduzido n'elle grandes melhoramentos, chamam a attenção para um grande saldo de camisolas, atoalhados, colchas, casimiras, cheviotes, amazonas, phantasias, oxfords, etc., etc., cujos artigos são vendidos com grande abatimento.

Tambem chamam a attenção dos seus Ex.mos freguezes para o seu sortido completo em:

Casimiras.
Cheviotes.
Meltons.
Amazonas.
Phantasias para vestidos.
Armures.
Merinos.
Castorinas.
Estrekans para capas ou casacos de senhora.
Baetas.
Flanellas pretas e azues para fatos.
Morins.
Pannos-familias.
Flanellas.
Pannos crus.
Cotins.
Riscados.
Oxfords.
Zephyres.
Velludilhos.
Camisolas.
Colchas.
Atoalhados.
Cobertores.
Guarda-soes.
Lenços de sêda e de lã.
Lenços para bolso.
Chales.
Diversos artigos para forros, taes como: lusitanas, linetes, sargelins, crinolines, panninhos, etc., etc.
Diversas miudezas e muitos outros artigos impossiveis de enumerar.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

CHAPELARIA

E

GRAVATARIA DA MODA

DE

Manuel C. Martins

Praça D. Affonso Henriques, Guimarães.

Grande sortido de chapeus e bonets para homem e creança. **Artigos Militares.** Gravatas escolhidas; sempre novidade. Botões para punhos e collarinhos. Postaes illustrados etc., etc. Concerta-se toda a qualidade de chapeus.

VINHO GAZOSO

Vende-se na confeitaria Teixeira, no Campo do Toural, a 170 reis cada meia garrafa.

Champagnes nacionaes a 1$000, 1$100, 1$200 e 1$300 reis.

Manteiga de Rande

Chegou á Casa Havaneza, uma remessa desta deliciosa manteiga.

Aviso aos consumidores.

O Regenerador

Preço da assignatura		Preço das publicações	
Anno	1$300 rs.	Annuncios e communicados, por linha	40 rs
Semestre	650 „	Repetição, por linha	20 „
Brazil, anno (moeda forte)	2$500 „	Permanentes, contracto convencional.	
Numero avulso	40 „		

O Regenerador *Ao Ex.mo Snr.*

.....

.....